

UM CONTO EM VIDA, EM EDUCAÇÃO! UMA VIDA EM RE-INVENÇÃO: DELÍRIOS ENTRE TERRITÓRIO-CORPO-EDUCAÇÃO

Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão¹

Tratar a escrita como fluxo, não como código.
(Deleuze)

Resumo: Um modo de pesquisar produz uma pesquisadora. Outros modos de estar, experimentar e habitar diferentes territórios. Arrisca-se com um desconhecido. Uma vida vaza em novas invenções de pesquisa e contação de histórias. Um pesquisar em contos. Questiona-se: que saúde numa produção de vida em educação? Uma vida em transbordamento coloca tensão numa aprendizagem e numa educação. Corpo vibra e alegra nessa trama. Um dos fios para esse pesquisar torna-se disparador: diabetes. Um exercício de problematizar educação ganha movimento. Um exercício de escrita como possibilidade de abertura à produção de outros sentidos. Uma escrita-acontecimento na vida de uma professora pedagoga. Uma pesquisa afetada com um vívido e seus afetos. Uma vida em suas provisoriidades. Produção de sentidos com a vida, produção com modos de existir, resistir, inventar, produzir outras peles. Um pesquisar que gagueja em experimentações com uma escrita-vida-acontecimento.

Palavras-chave: Educação; saúde; formação.

Resumo: Un modo de investigar produce una investigadora. Otros modos de estar, experimentar y habitar diferentes territorios. Se arriesga con un desconocido. Una vida vacía en nuevas invenciones de investigación y contación de historias. Un investigar en cuentos. Se cuestiona: que salud en una producción de vida en educación? Una vida en transbordamento coloca tensión en un aprendizaje y en una educación. Cuerpo vibra y alegra en esa trama. Uno de los hilos para ese investigue se hace disparador: diabetes. Un ejercicio de problematizar educación gana movimiento. Un ejercicio de escritura como posibilidad de apertura a la producción de otros sentidos. Una escritura-acontecimiento en la vida de una profesora pedagoga. Una investigación afectada con un vívido y sus afetos. Una vida en sus provisoriidades. Producción de sentidos con la vida, producción con modos de existir, resistir, inventar, producir otras pieles. Un investigar que gagueja en experimentaciones con una escritura-vida-acontecimiento.

Palavras-chave: Educación; salud; formación.

Uma cortina ousava fechar-se numa vida, na vida da menina Ive. Era tarde de domingo, 13h32 minutos. No cenário: um quarto com seus objetos colocados sobre a penteadeira ajudavam a decorá-lo. A persiana entreaberta na janela, mesmo com seu estreitamento, fazia o papel de entrada de ar e de luz que, de alguma forma, fortaleciam a menina que ali ficava em seu maior tempo, estudando, entrando em redes sociais, ouvindo música. Era seu canto de aconchego, de bem estar. A hora do almoço a chamava pelo cheiro, pelos dotes culinários de sua mãe Lisa e pelo ronco do estômago que reclamava por algo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), situado na Faculdade de Educação da UFJF. Pedagoga pela UFJF. Professora da Educação Básica. Bolsista de Iniciação Científica durante a pesquisa (Período: 2013-2016) intitulada *Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola* (financiamento CAPES/FAPEMIG - Processo: APQ-03416- 12), sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Margareth Rotondo da UFJF. E-mail: leilianepaixao2014@gmail.com.

Junto à fome um mal estar tomava conta de um corpo com arrepios. Dores de cabeça em meio a giros, moleza nas pernas, nos braços, nos músculos, falas mansas, emboladas e curtas, fraqueza, imagens distorcidas iam tomando Ive. Algo errado havia nessa suposta dor e lentidão, suspeitava a menina revirando em sua cama. Um organismo se com-torcia, prestes a uma explosão, solicitava ar, precisava de ar, de respiradouros em meio a delírios.

Um corpo esforçava-se para se firmar, ficar de pé, mas uma força o puxava para breves adormecimentos, achando que ao despertar iria passar como uma dorzinha que logo vai embora. Um sal de fruta talvez aliviaria, pensava Ive, mas o corpo expulsava aquilo, como se já tivesse saturado daquilo. Com os olhos pouco abertos, as linhas de luzes, já não tinham tanto seu brilho reluzente. Iam se distanciando daqueles olhos que lutavam para se manter abertos até que num breve instante de tempo, perdeu a visão e os sentidos. As palavras já não respondiam seguindo uma linearidade. Uma voz lenta e delirante, quase se apagando, ecoava insistentemente:

Água! Quero água, água...

Mais parecia um estado drogue desejando água pela secura da garganta que, quase dava nó, uma secura imediata e intensa da língua. Alucinações. Algo ia mal com Ive. Menina alegre, sempre com sorriso largo estampado em sua face. A sinfonia do funcionamento dos órgãos já não era a mesma. Perderam-se, temporariamente, as rimas dos órgãos dançantes e vibrantes numa vida que lutava para se levantar. Uma menina lutava com e pela vida.

Um caos interno se instalava na menina.

Um corpo no caos e uma falência provisória. Um caos tombava Ive. Do caos a um silêncio. Nada via, escutava ou falava. Um apagamento provisório fazia o cenário da vida da menina escurecer.

No momento do apagamento, os agitos do mundo lá fora rodeava Ive. O acontecimento trazia tensões e lágrimas para a sua família, para os amigos, para o seu trabalho. As preocupações vinham à tona, ainda mais quando as notícias eram de que a menina Ive se abrigava no Centro de Tratamento e Terapia Intensiva (CTI) do hospital.

A família em prantos com pensamentos delirantes e atormentados mudavam sua rotina no trabalho para estarem com Ive, os telefonemas do² amigox para outros amigox, os telefonemas de outrxs amigox para sua mãe e seus irmãos, queriam saber o que houve, ox amigox aguardavam notícias da menina querida, talvez até, unx cogitavam a perda da menina. Momentos tensos, no fundo os pensamentos, as mensagens e desejos de melhoras davam força para a menina se fortalecer. Na área externa do hospital, uma árvore grande e bonita cedia uma pequena sombra, um lugar calmo para os pensamentos vagarem junto aos cantos dos pássaros que visitavam aquela árvore. O lugar era convidativo para as pessoas se sentarem por ali, talvez pela harmonia dos pássaros e pela sombra que se dava com a ajuda da árvore.

A sombra e o lugar fresco possibilita calmaria para o pai de Ive, que dava uma de moço bravo, moço durão, sabe? Porém, diante da situação, sua dureza abria espaço para as lágrimas e um amolecimento que não se continham em seu corpo.

A família de Ive recebia várias ligações para saber das notícias referentes à sua melhora. E quando as pessoas ligavam para o hospital, as informações da atendente só se faziam pela frase curta e direta: o quadro da menina não apresentou melhoras. Com isso, as tensões continuavam... Até que um diagnóstico se apresenta: diabetes.

Um diabetes procurava por um ritmo num corpo que se encontrava frágil, delicado e surpreso com tudo isso, assim de uma hora para outra. Suas oscilações preocupavam, para não haver outros apagamentos. Naquele momento, Ive tentava se equilibrar com sua potência de vida, na corda da sua vida, que ora bambeava ora se firmava com uma diabetes.

² Utilizo a letra “x” para fazer referência a diferentes gêneros.

Entre as oscilações, no quarto que Ive se encontrava, era possível observar outros pacientes aos lados. Os quartos eram separados por cortinas de cor bege e havia uma numeração para a identificação do paciente. Se forçasse um pouco o olhar, Ive conseguia ver seu vizinho, com um diagnóstico diferente. Um senhor ao lado, aparentemente com seus oitenta e seis anos, chamava atenção, pois toda vez que a enfermeira ia dar banho nele, uma reclamação sem fim acontecia. Talvez fosse por dor em cima dos seus ferimentos ou a simples vontade de não tomar banho, para ele, um tédio este momento. E olha que nem frio estava naquele mês de dezembro. O senhor ia reclamando e a enfermeira com seus argumentos de convencimento insistiam: tem que tomar banho sim, senhor Ney! Tem que ficar limpinho, sua família virá visitar o senhor e não te vê arrumadinho, aí pronto! Senhor Ney havia chegado ao hospital um dia após Ive, que, já acordada e ciente de seu quadro, observava atentamente os acontecimentos ao seu redor. Passado uns dois dias que já estava internado, senhor Ney não conseguiu resistir às suas dores. A menina, inquieta na sua cama, escutava um telefonema dado pelo enfermeiro.

No telefonema, o enfermeiro dizia à família que o senhor Ney acabara de falecer. As enfermeiras de plantão preparavam a arrumação do corpo. A menina Ive, com a cortina entreaberta, via aquela cena. A arrumação se deu com rapidez, coisa de minutos, um outro alguém viria habitar aquele espaço.

Assim, com o diagnóstico de diabetes, Ive reinventava sua vida entre hospital, casa, universidade... Territórios outros, territórios existenciais.

Um corpo vai se tornando terreno. Uma terra fértil e nova se apresenta numa pesquisa de pós-graduação. E com ela, suas muitas facetas e territórios inusitados. Nesse território povoam composições com vida e em vida: território – corpo - educação - insulina – saúde – doença – delírios - sala de aula – formação – aprendizagem – vida.

Uma insulina pede passagem para habitar um corpo. Povoações num novo que se reinventa experimentando com uma terra nova, com novos tateios, novos arranjos. Pergunta-se e expõe-se numa terra nova: Educação passa por uma questão de vida? Que vida? Que corpo? Que Educação? Educação passa por uma questão de saúde? Quanto de saúde um corpo suporta? De que saúde se fala? Desconfianças que aprender um polinômio ou um a equação do segundo grau seja saúde.

Um corpo-pesquisadora em de-formação, em reinvenção. Educação e saúde vibram, tremem vidas.

Pode-se relacionar educação e saúde como capacidades de se viver e de se relacionar com o conjunto dos valores, das crenças postas na sociedade? Uma doença vai se desvelando num afrontamento com educação, com sala de aula, com escola, com academia. Um movimento com e em vida. Entre educação e saúde, um movimento: escorregar entre as formas e, experimentar, acessar intensidades, potências e acontecimentos. Uma aprendizagem e uma pedagoga possibilitando modos de se inventar num processo de criação de si e do mundo³. Quanto de saúde um corpo suporta? Que corpo? De que saúde se fala?

Invenções de um outro mundo. Uma nova terra.

Um corpo vai se tornando terreno de experimentação para problematizar o conhecimento. Problematização para uma vida e uma pesquisa em educação. Pesquisa acadêmica. Uma pesquisa que produz uma outra pele vai se desfazendo da ideia de uma única verdade e faz exercitar outras ficções, mesmo que tais ficções sejam temporárias, relances. Pesquisa e escrita

³ KASTRUP, Virgínia (1999).

como acontecimento, que exercita sair do plano da representação para o plano do acontecimento⁴. Potências numa vida, numa pesquisa. Pesquisa e palavras vazam potencializando territórios outros. Permitem vazar linhas de fugas transbordando-as. Linhas que permitem e exercitam rasgar os modos únicos de pensar educação e saúde. Movimento para além de uma imitação. Um exercício: se entregar na imanência da vida. Movimento de devir. Há devires que operam junto ao silêncio.

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio [...] (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

Como rasgar os adoecimentos e fazer deles uma potência para vida? Como escapar dos adoecimentos produzindo um corpo potente, numa educação? O corpo se faz desfaz como um fio condutor, um motor, uma maquinaria. Corpo, como jogo de afetos, como multiplicidades, um corpo multiverso, em processo. Uma composição se inventa: educação, corpo, saúde, aprendizagem, vida. Composição que inventa delírios em sentidos diversos, que possibilitam a entrevisão de outros modos de estar numa formação. Em multiplicidades. Um encontro consigo, com o outro e com o mundo. Com o múltiplo.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21).

Educação se fazendo enquanto um constante exercício de problematização e potência. Encontros em diferentes lugares. Quando se sai do lugar da amargura, uma pergunta se sobressai: porque não se perguntar contrariando as falas comuns e os modos já estabelecidos, como fazer o exercício desta frase: por que não comigo? Aposta-se numa vida ou numa morte? Luta-se por uma vida potente, forte, por uma saúde. Como alguém se torna doente quando não o é? “A mais grave doença da humanidade nasceu da luta contra as doenças e os remédios aparentes produziram com o tempo um mal pior daquele que deveriam eliminar⁵”.

Questiona-se: há efeitos de embriaguez numa saúde? E numa educação? Um exercício com educação e saúde. Como transformar os obstáculos postos da educação e da saúde num trampolim, num voo? Como se fortalecer? Na fragilidade dos corpos abrem-se possibilidades de transgredir e de se fortalecer.

Uma escrita habita terrenos outros e vai sendo experimentada e desejada: outros modos de escrita. Outras formas e vias de ser se produz com ela. Uma escrita enquanto potência de vida trama com educação. Na escrita, indaga: como forças e quereres atravessam um corpo-pesquisador? Corpo produzindo aberturas, possibilitando conexões que supõem agenciamentos⁶: corpo-pesquisa! Corpo-pesquisa-dor! Corpo-pesquisa-ar! Corpo-pesquisa! Corpo pesquisa-ação! Corpo pesquisa-educação!

⁴ BELCAVELLO, 2017.

⁵ NIETZSCHE, Friedrich (2007, p. 50).

⁶ Deleuze, 2010. Mil Platôs III.

Que vidas se produzem em educação?

Que condição se estabelece com educação?

Educação produz modos de existir.

Quantas vidas ficam escondidas diante de uma vontade (ou pressão) de ser saudável?

Que condição de existir há? Será que vivemos numa indústria da cura?

Doença como condição de existir, não no âmbito da cura.

Vida e doença e educação: o que se produz neste atrito?

Pesquisar em atritos, em arranhamentos. Uma pesquisa faz-se em meio as desdobras com educação. Um pesquisar produz, arromba, inventa um viver. Doença produz pensares numa educação e numa mestranda. Produz uma vida bela que exercita seu pesquisar. A vida se faz enquanto uma efervescência que se dá no acontecimento. Um acontecimento-pesquisa.

Como começar, gerar, inventar uma pesquisa? Existe início, meio e fim? Como se trava uma pesquisa numa academia? Pesquisar: investigar, com a finalidade de descobrir conhecimentos novos. Recolher elementos para o estudo de algo. Procurar; Catar; Sondar⁷. Apenas isto? Desconfianças. Pesquisa dispara exercício, trama com a vida.

Educação como capacidades de se viver: relacionar com o conjunto dos valores, das crenças postas e indiscutíveis na sociedade.

Enfrentamento com educação, com sala de aula, com escola. Um movimento de e com a vida.

Nesse movimento: como fazer escorregar as formas já constituídas?

Pesquisadora lança-se em experimentar. Exercício de acessar intensidades, potências e acontecimentos.

Aprendizagem como a própria invenção.

Aprendizagem como invenção de si e do mundo.

Invenções de outro mundo.

Corpo como efeito da problematização, como efeito da experimentação, vai se tornando com um experimentar. Problematização com uma vida e com uma pesquisa em educação. Pesquisa acadêmica. Uma pesquisa que produz outras peles e vai se desfazendo da ideia de uma única verdade, faz exercitar outras ficções, em outros tempos, mesmo que tais ficções sejam temporárias, relances. Pesquisa e escrita como acontecimento, que exercita sair do plano da representação para o plano do acontecimento.

Como rasgar os adoecimentos e fazer deles uma potência de vida? Como escapar dos acontecimentos produzidos por um escolar? Uma educação produz adoecimentos? O corpo se faz e desfaz como um fio condutor, um motor, uma maquinaria. Corpo, como jogo de afetos, como multiplicidades, um corpo multiverso, em processo. Uma composição se inventa: educação, corpo, doença, aprendizagem, vida. Composição se inventa em delírios e em sentidos diversos, que possibilita a entrevisão de outros modos de estar numa formação. Delírios enquanto potência de vida. Como fazer uma doença delirar?

Uma escola adocece?

Uma escola produz um corpo cansado?

Um corpo cansado, mãos e olhos se entregam a uma lentidão. Deseja dormir, não se interessa pelos conteúdos. Talvez não seja por não gostar ou por não querer, mas porque um corpo pesa diante de um sistema escolar ofertado.

Que outros modos há?

A Grande Saúde seria dominar os conteúdos?

Saber que: $-7x + 2x = -5x$ é ser saudável?

⁷ Definição disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa>>. Acesso em: 08/07/2017.

Desconfianças. Desse modo, questiona-se: a criança que não consegue atingir o conhecimento esperado pela escola, deixa de ser saudável? No pathos da grande saúde o confronto é afirmado. Na grande saúde, deseja-se um corpo saudável, que compreende bem as normatizações e as regras postas. A vida é criada a cada momento. Um corpo doente não impede a saúde, pois ele pode afirmar a existência em sua totalidade. É a afirmação plena de si mesmo. Um modo possível: dizer sim à vida diante da dor, da alegria. Modos outros de se produzir e de se inventar com a vida. Vida com formas provisórias, em vias do tornar-se.

Desassossegos e estranhamentos de uma pesquisadora com educação que traz o movimento de pesquisar enquanto vida potente. Uma menina-professora inventa um pesquisar. Inventar-se compondo com: com disciplinas, com grupos de estudos, com pesquisa, com oficinas de formação docente, inventa com... Potências numa pele, numa carne, num rosto. Potência criativa da vida e do humano. Uma pesquisa segue em invenções com diabetes, com educação, com vida.

Referências

BELCAVELLO, M. P. P. S. *Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. 84 f.

DELEUZE G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE G.; GUATTARI, F. 2011. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Nato e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. 128 p. (Coleção Trans).

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Ed. Escala. São Paulo, 2007. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-66).